

IDENTIDADES NA CONTEMPORANEIDADE: UMA REFLEXÃO SOBRE PERFORMANCES EM SITES DE REDES SOCIAIS

Beatriz Brandão Polivanov¹

RESUMO:

Parte-se neste trabalho da ideia de que o atual período histórico, denominado como alta modernidade para alguns, é marcado pela autorreflexividade (GIDDENS, 2002) e pelo entendimento da noção de identidade como uma construção fluida, fragmentada e até contraditória (HALL, 2006). Tornam-se centrais, assim, as dinâmicas de construção que os sujeitos fazem através de narrativas de si, trazendo à tona a dimensão da *performance*, que realizamos cotidianamente (GOFFMAN, 1959). A cultura digital tem chamado a atenção por possibilitar que *performatizemos* a nós mesmos através de plataformas como Facebook, Twitter, dentre outras, apresentando nossos *selves* de diferentes modos. Argumenta-se que uma nova camada de complexidade é adicionada às *performances* nos sites de redes sociais, a partir da cobrança por um ideal – inatingível – de “coerência expressiva” e autenticidade, por um lado, e das subjetividades humano-maquínicas, por outro.

Palavras-chave: Identidade. Sites de redes sociais. *Performances*. Coerência expressiva. Subjetividades humano-maquínicas.

ABSTRACT:

In this work we departure from the idea that the current historic period, named high modernity by some authors, is marked by self-reflexivity (GIDDENS, 2002), and the understanding of the notion of identity as a fluid, fragmented and even contradictory construct (HALL, 2006). Thus, the dynamics of self-narrating one's life is central, also seen as performative acts which are carried out in everyday life (GOFFMAN, 1959). Digital culture has called attention for allowing that we perform ourselves by means of platforms such as Facebook, Twitter, among others, presenting our selves in different ways. We argue that a new layer of complexity is added to performances in social network sites, due to the demand for an

1 Doutora e mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM) da Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora permanente do PPGCOM e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da UFF. Atualmente é professora visitante / pós-doc do Departamento de *Art History and Communication Studies* da Universidade McGill, Montreal, Canadá. E-mail: beatrizpolivanov@id.uff.br.

(intangible) ideal of “expressive coherence” and authenticity, on one hand, and human-machine subjectivities, on the other.

Keywords: Identity. Social network sites. Performance. “Expressive coherence”. Human-machine subjectivities.

INTRODUÇÃO

Na primeira década dos anos 2000 acompanhamos, no Brasil, o surgimento e popularização de um site chamado Orkut², do qual somente poderia se fazer parte caso uma pessoa lhe enviasse eletronicamente um convite. No site era possível que os usuários criassem um perfil pessoal com informações como nome, cidade natal, data de aniversário, *status* de relacionamento, dentre outras, além da publicação de uma foto principal e até no máximo – no início – 12 fotos que compunham um álbum virtual pessoal. Nele, também podia-se participar de comunidades virtuais sobre os mais variados assuntos e saber quem eram os amigos que se possuía em comum com outro usuário, sendo possível trocar mensagens de texto entre si. Tais características assemelham-se, em boa parte, ao que observamos hoje no Facebook, por exemplo.

Muito mais do que ferramentas triviais de conversação, tais sites produzem efeitos e questionamentos relevantes sobre: interação social em ambientes mediados pela internet; vigilância, monitoramento e utilização de dados pessoais por empresas; *ciberbullying*³; modos de nos apresentarmos enquanto sujeitos em plataformas onde não podemos contar com nossos corpos físicos; articulação de movimentos sociais e políticos; circulação de *fake news*⁴, dentre uma série de outros. Neste artigo o foco recai sobre uma questão de ordem identitária: como utilizar os sites de redes

2 O site era filiado ao Google e, apesar de ter sido criado visando atingir o público estadunidense, teve seu maior número de usuários no Brasil (superando a marca de 30 milhões no país) e na Índia, tendo ganhado sua versão em língua portuguesa em 2005. Fonte: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Orkut>. Último acesso em: 27/03/2019.

3 Apesar de não haver um consenso na literatura quanto à definição do termo, uma possível é aquela que afirma que o *cyberbullying* “envolve o uso de Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs) para se realizar uma série de atos (...) ou um ato (...) com a intenção de machucar uma outra pessoa (a vítima) que não pode se defender facilmente” (LANGOS, 2012, p. 288, tradução livre). No original: “Cyberbullying involves the use of ICTs to carry out a series of acts as in the case of direct cyberbullying, or an act as in the case of indirect cyberbullying, intended to harm another (the victim) who cannot easily defend him or herself”.

4 Num sentido mais restrito e autoexplicativo o termo se refere a “notícias falsas” e ganhou popularidade nos últimos anos a partir da disseminação de notícias através de mídias sociais. No entanto, há uma “diversidade discursiva em torno da definição de *fake news*”, que deve estar atrelada a uma discussão sobre autonomia do campo jornalístico, conforme argumentam Roxo e Melo (2018, p. 5).

sociais para nos apresentarmos, enquanto sujeitos no mundo contemporâneo? Quais seriam algumas das implicações sociotécnicas desse processo?

É importante destacar que não será feita uma análise empírica de dados neste trabalho. O esforço aqui empreendido é o de fazer uma reflexão crítica mais ampla sobre os modos de construção de identidade na cultura hodierna, tendo como recorte os sites de redes sociais, que fazem parte do cotidiano de mais de dois bilhões de pessoas no mundo⁵. Nesse sentido, são feitas aqui duas ressalvas importantes: a primeira é que o acesso aos sites de redes sociais e à internet, de modo geral, ainda é um tanto quanto restritivo no Brasil e no mundo⁶, seja por falta tecnológica de conexão, seja por questões ligadas à literacia digital⁷ que tais ambientes demandam. A outra é que qualquer período histórico, ao contrário do que nos ensina a ideia de linearidade temporal da modernidade ocidental, é calcado em múltiplas temporalidades, ou em “temporalidades enredadas multicamadas”, como bem discutem Resende e Thies (2017, p. 8) a partir de outros autores, no sentido de que o tempo pode ser entendido como um “produto das práticas sociais”, como um “produto de políticas temporais que moldam o sujeito e, por outro lado, como o resultado de práticas sociais e culturais em nível coletivo”. Ou seja, não é dado e pode-se experienciar diferentes temporalidades num mesmo momento histórico. Dessa forma, a intenção aqui, de pensar as identidades na contemporaneidade, está relacionada a um modo de se vivenciar o tempo atual – vinculado à cultura digital – que certamente não é o mesmo para todos e todas.

5 Em 2018 somente o Facebook já contava com mais de 2,3 bilhões de usuários ativos mensalmente. Fonte: <https://www.statista.com/statistics/264810/number-of-monthly-active-facebook-users-worldwide/>. Último acesso em: 27/03/2019.

6 Estima-se que metade da população mundial não tenha acesso à internet: “Existem cerca de 7,6 bilhões de pessoas no mundo. Desse total, 4 bilhões (53%) têm acesso à internet”. Fonte: <https://www.marketingdedefensores.com/estatisticas-redes-sociais-2018/>. O Brasil é um caso atípico de país que, apesar de possuir acesso ainda restrito e lento à internet, se comparado a outros, apresenta taxas elevadas de uso de mídias sociais. Estima-se que, em 2018, 57,8% dos domicílios no Brasil contavam com acesso à internet, número considerável, porém ainda abaixo de países tidos como mais desenvolvidos, nos quais o índice passa dos 80%). Fonte: <https://exame.abril.com.br/brasil/apesar-de-expansao-acesso-a-internet-no-brasil-ainda-e-baixo/>. Contudo, em termos de uso de mídias sociais ficamos em segundo lugar no ranking mundial dentre os “países que usam por mais tempo essas plataformas”. Fonte: <https://www.techtudo.com.br/noticias/2018/02/10-fatos-sobre-o-uso-de-redes-sociais-no-brasil-que-voce-precisa-saber.ghtml>. Último acesso em: 01/04/2019.

7 Ainda que haja diversas definições possíveis, literacia digital pode ser entendida, de forma abrangente, como “a habilidade para entender e usar informação em múltiplos formatos, de uma ampla gama de fontes, quando é apresentada via computadores” (GILSTER, 1997, p. 1, tradução livre). No original: “the ability to understand and use information in multiple formats from a wide range of sources when it is presented via computers”.

Feitas as ressalvas, o artigo foi estruturado em três partes para realizarmos a reflexão proposta. Em um primeiro momento é trazida uma contextualização de como se pode pensar o período histórico que estamos vivendo hoje, entendido aqui como modernidade tardia. Em seguida, será discutida a noção de autorreflexividade a partir do pensamento do sociólogo britânico Giddens (2002), que seria característica deste período. Junto a ela será também debatido o conceito de identidade neste contexto, principalmente a partir de autores como Hall (2006) e Silva (2000). Por fim, adentra-se mais especificamente na discussão sobre as *performances* de si nos sites de redes sociais (doravante também referidos pelo acrônimo SRSs) e suas relações com a noção de coerência expressiva dos sujeitos, por um lado, e da configuração de subjetividades humano-maquíninas, por outro.

Breve apontamento sobre a modernidade tardia

Ainda que a ideia de um tempo linear, sequencial seja uma construção discursiva – muito cara ao período que se convencionou chamar de modernidade e, mais especificamente, da modernidade ocidental – aqui se tratará do tempo presente como um aglutinador de uma série de características em comum, podendo ser chamado, de modo mais amplo, de contemporaneidade. Não será possível, em algumas poucas linhas, discorrer sobre tantos aspectos que caracterizariam esse período, sendo o esforço feito no sentido de situar historicamente o debate sobre as identidades.

Quanto à terminologia, é importante destacar que não há consenso entre os autores sobre se estaríamos vivendo uma era distinta, quicã ultrapassada em relação ao período da modernidade, que se denomina frequentemente como “pós-modernidade” (LYOTARD, 1986); ou se estaríamos vivendo o mesmo período histórico, contudo em uma fase mais avançada, chamada de “modernidade tardia” ou “alta modernidade” (GIDDENS, 2002), dentre outras denominações possíveis.

Não nos cabe aqui adentrar tal discussão, mas ressaltar que se partilha entre tais visões o entendimento de que a modernidade ocidental⁸

8 Estamos refletindo sob o prisma da modernidade ocidental, primordialmente europeia, mas é importante destacar que outras construções sobre esse período estão sendo feitas e são igualmente relevantes, como a noção de “afromodernidade”, trazida pelos autores Comaroff e Comaroff (2012).

representaria uma ruptura com um período anterior⁹, marcado pela tradição, vida em comunidade, marcadores identitários mais rígidos, baixo grau de mobilidade social e pouca (ou mesmo nenhuma, a depender do contexto) possibilidade de escolhas para os sujeitos, estando bastante restritos a demarcações dadas antes mesmo de seu nascimento. Singer¹⁰ vai apontar que a modernidade pode ser vista, em síntese, como:

Conceito moral e político: vinculado ao desamparo ideológico de um mundo pós-sagrado e pós-feudal no qual todas as normas e valores estão sujeitos ao questionamento(...). **Conceito cognitivo:** ligado ao surgimento da racionalidade instrumental como a moldura intelectual por meio da qual o mundo é percebido e construído (...). **Conceito socioeconômico:** no qual a grande quantidade de mudanças tecnológicas e sociais (...) alcançaram volume crítico perto do fim do século XIX, com a industrialização, urbanização e crescimento populacional rápidos; proliferação de novas tecnologias e meios de transporte; saturação do capitalismo avançado, aliados a uma explosão de uma cultura de consumo de massa. (...) **Concepção neurológica:** como um registro da experiência subjetiva fundamentalmente distinto do período anterior, caracterizado pelos choques físicos e perceptivos do ambiente urbano moderno (SINGER 2010, p. 95).

O alemão Georg Simmel (1973)¹¹, tido como um dos *pais da sociologia*, já havia antes se debruçado, dentre outros aspectos, sobre o que seria ainda uma questão central da vida moderna: a reivindicação de valores de *autonomia e individualidade*, isto é, de os indivíduos buscarem mais liberdade de escolha e ação perante o mundo social e de diferenciarem-se entre si e para si mesmos frente às forças sociais e à herança histórica.

Nesse sentido é que ganha força a própria noção do indivíduo moderno:

Raymond Williams observa que a história moderna do sujeito individual

9 Há diferentes acontecimentos, movimentos históricos, que são apontados como essenciais para entender tais mudanças, situados principalmente entre os séculos XVIII e XIX, como a Revolução Francesa, a Revolução Industrial na Inglaterra, o Romantismo Alemão e o crescimento econômico de países capitalistas. Ainda, de acordo com Hall (1996, p. 25): “O nascimento do “indivíduo soberano”, entre o Humanismo Renascentista do século XVI e o Iluminismo do século XVIII, representou uma ruptura importante com o passado. Alguns argumentam que ele foi o motor que colocou todo o sistema social da “modernidade” em movimento”.

10 Professor do Departamento de Comunicação e Artes da Universidade do Wisconsin-Madison.

11 Em quem Singer (2010) se baseia para pensar a ideia dos hiperestímulos sensoriais que a vida na metrópole, nos grandes centros urbanos, vai gerar sobre os indivíduos (SIMMEL, 1973). Simmel viveu na virada do século XIX para o XX.

reúne dois significados distintos: por um lado, o sujeito é *indivisível*¹² – uma entidade que é unificada no seu próprio interior e não pode ser dividida além disso; por outro lado, é também uma entidade que é ‘singular, distintiva, única’ (HALL, 1996, p. 25).

Assim, cabe ao indivíduo moderno construir seu próprio projeto de vida, entendido pelo antropólogo brasileiro Velho, G. (2003, p. 101) como “a conduta organizada para atingir finalidades específicas”. Isto é, se antes, “no caráter social de direção traditiva estávamos já destinados” (RIESMAN, 1995), de certa forma, a um futuro estabelecido pela nossa comunidade, na modernidade, de forma mais ampla, deve-se traçar as próprias metas e objetivos de vida.

Tem-se, desse modo, um contexto de busca pela individualidade, pela singularidade, de diferenciar-se dos outros na multidão nos grandes centros urbanos. Tal busca é acompanhada por incertezas, tendo em vista que as grandes narrativas do passado passam a ser questionadas. Essas características se tornaram ainda mais aguçadas numa fase mais avançada da modernidade, na qual estamos inseridos.

A autorreflexividade e a noção de identidade

Tendo esse cenário em vista, o sociólogo britânico Giddens (2002) vai propor que:

Nas situações a que chamo de modernidade ‘alta’ ou ‘tardia’ – nosso mundo de hoje – *o eu*, como os contextos institucionais mais amplos em que se existe, **tem de ser construído reflexivamente**. Mas esta tarefa deve ser realizada em meio a uma enigmática diversidade de opções e possibilidades. (GIDDENS, 2002, p. 10-11, grifos da autora).

Ou seja, é com base na *autorreflexão* que a modernidade tardia vai construir-se, tendo em vista que as grandes narrativas já não se sustentam. É de escolhas feitas cotidianamente, sobre as quais temos que refletir incessantemente, que os indivíduos vão elaborar suas *narrativas de si*, suas próprias histórias de vida. E, por mais que tal aspecto tenha uma dimensão de maior liberdade em relação a períodos históricos anteriores, uma vez que não haveria mais as amarras sociais fixas, por outro

12 A palavra, oriunda do latim *individuus*, significa aquilo que não se divide (“in” sendo prefixo que denota negação e “dividere” a raiz etimológica do termo). Fonte: <https://www.gramatica.net.br/origem-das-palavras/etimologia-de-individuo/>. Último acesso em: 16/05/2019.

lado, tem-se um aumento na sensação de ansiedade, risco¹³, insegurança ontológica, aliadas à obrigação de *ter de fazer escolhas*. Como diz o autor: “não temos escolha, a não ser escolher” (GIDDENS, 2002, p. 79)¹⁴.

Trata-se, portanto, de uma espécie de antítese: uma liberdade, ainda que envolta em uma dimensão da compulsoriedade. Ademais, coloca-se, desse modo, grande ênfase na responsabilidade individual: somos nós quem construímos nossas narrativas de vida, os resultados de nossas escolhas são consequência de nossas próprias atitudes.

Assim, retomamos a dimensão de projeto mencionada acima, aliada à ideia de autorreflexividade, que no âmbito da vida cotidiana dos indivíduos, diz respeito a termos de fazer escolhas e refletir sobre elas, na busca por atingir do melhor modo possível nossos objetivos. Neste processo, o autor evoca a noção que ele vai chamar de “autoidentidade”, que remete à ideia de um “projeto reflexivo do eu”:

Na ordem pós-tradicional da modernidade, e contra o pano de fundo de novas formas de experiência mediada, a autoidentidade torna-se um empreendimento reflexivamente organizado. O projeto reflexivo do eu, que consiste em manter narrativas biográficas coerentes, embora continuamente revisadas, tem lugar no contexto de múltipla escolha filtrada por sistemas abstratos¹⁵ (GIDDENS, 2002, p. 12).

Não à toa Giddens (2002) vai afirmar que as culturas terapêutica e midiática ganham centralidade na alta modernidade. A primeira serviria ao propósito não apenas de nos ajudar – ainda que nem sempre se alcance o resultado esperado – a lidar com as nossas frustrações, anseios etc., com o apoio de profissionais e materiais variados (como livros de autoajuda, por exemplo), mas também é ela mesma, segundo o autor (2002, p. 38), uma “expressão da reflexividade do eu”. E a segunda nos informaria

13 Vale lembrar que tais sensações teriam ficado mais acentuadas no contexto pós Segunda Guerra Mundial, intensificando-se ainda posteriormente com a globalização, o neoliberalismo e características contemporâneas como a elevada presença das mídias e tecnologias na vida cotidiana, o borramento de fronteiras temporais e espaciais e a forte sensação de aceleração do tempo. Giddens (2002) vai mesmo argumentar que a alta modernidade é uma cultura do risco.

14 As escolhas que fazemos cotidianamente fazem parte de uma “cultura do consumo” na qual estamos imersos e que, segundo o sociólogo britânico Slater (2002), seria ela mesma parte constitutiva do processo de construção da modernidade.

15 Tais sistemas abstratos que o autor menciona são “mecanismos de desencaixe” que podem ser de dois tipos: “fichas simbólicas” e “sistemas especializados”. De forma sintética, os primeiros dizem respeito a “meios de troca que têm um valor padrão, sendo assim intercambiáveis numa pluralidade de contextos”. O exemplo principal é o dinheiro, uma ficha simbólica que se torna mais abstrata conforme o amadurecimento da modernidade. Já “os sistemas especializados põem entre parênteses o tempo e o espaço dispondo de modos de conhecimento técnico que têm validade independente dos praticantes e dos clientes que fazem uso deles”, podendo ser dados como exemplos a figura do médico, do analista e do terapeuta.” (GIDDENS, 2002, p. 24).

– ainda que de modo por vezes ambíguo e sempre estratégico – sobre quais escolhas fazer (o caso da publicidade é exemplar¹⁶). Ambas seriam parte de um “quadro de referências” ao qual se recorre com frequência na busca pela construção (e incessante reconstrução) da autoidentidade.

O autor destaca ainda que

A identidade de uma pessoa não se encontra no comportamento nem – por mais importante que seja – nas reações dos outros, mas na capacidade de **manter em andamento uma narrativa particular**. A biografia do indivíduo, para que ele mantenha uma interação regular com os outros no cotidiano, não pode ser totalmente fictícia. Deve integrar continuamente eventos que ocorrem no mundo exterior, e classificá-los na ‘estória’ em andamento sobre o eu. (GIDDENS, 2002, p. 55-56, grifo do autor)

Tal afirmação é relevante para atentarmos ao fato de que a noção de identidade: a) se refere a uma construção narrativa, não “está” ou “é” de alguém, mas é elaborada discursivamente; b) por mais que seja uma construção não se dá de modo aleatório, nem totalmente fictício, sendo necessário articular experiências e eventos à estória que se quer contar de modo crível e c) está sempre em processo.

Tais aspectos se relacionam também à visão do sociólogo e teórico cultural de origem jamaicana, Hall (2006), que vai argumentar, a partir do diálogo com outros autores, que a noção de identidade – conceito complexo e ainda pouco compreendido segundo o próprio autor – na “pós-modernidade” ou “alta modernidade” vai tornar-se uma “celebração móvel”, sendo possível aos sujeitos assumirem – ainda que temporariamente – múltiplas e diversas identidades ao longo de suas vidas. O autor, de grande importância para os Estudos Culturais, sustenta que

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas. Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora ‘narrativa do eu’. (HALL, 2006, p. 13)

16 Utilizei o termo “ambíguo”, pois a publicidade, ao mesmo tempo em que nos convoca, por exemplo, a cuidar de nós mesmos para que vivamos até os cem anos de idade, a termos hábitos de vida saudáveis, também nos impele a comer hambúrguer com bacon, a tomar Coca-Cola; ou ainda, ao mesmo tempo em que nos instiga a guardar dinheiro e economizar para o futuro, também nos mobiliza a aproveitarmos o agora e dispendermos o que quisermos no momento, sob o argumento do “eu mereço”.

O que Hall (2006) destaca é que se vive um momento de percepção de “fragmentação” ou “pluralização” das identidades, que não fora possível vivermos antes devido às estruturas sociais mais fixas do passado, da tradição. Contudo, ainda assim buscamos uma certa unidade, ainda queremos ter uma “confortadora narrativa do eu” como forma de tentar gerar certa sensação de coerência para nossos próprios *selves*¹⁷ ao longo de nossas vidas, mesmo que essa coerência seja somente um ideal, conforme iremos discutir na seção a seguir.

É relevante apontar que esse processo de construção de narrativas de si não se dá do mesmo modo para sujeitos que vivem em condições sociais, econômicas e culturais distintas. Isto é, cada um construiria sua narrativa dentro de um “campo de possibilidades” (VELHO, G. 2003).

Com isso, não está se afirmando aqui que qualquer um pode construir sua identidade livremente como desejar, mas que o fazemos: a) dentro das possibilidades estruturais e culturais que temos num determinado momento e b) de forma que seja crível nossa estória, conforme Giddens (2002) aponta. E mais, como argumenta Hall (1996):

Uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela tornou-se politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença (HALL, 1996, p. 21).

Esse aspecto nos remete a dois pontos importantes sobre a construção de identidade, que vão aparecer também no pensamento de outros autores como a socióloga britânica Woodward (1997): que ela se constrói a partir da *diferença* e que é *relacional*, no sentido de que não é um dado absoluto e se dá sempre a partir da figura do outro, entendendo-se, assim, que trata-se de um par, identidade-alteridade. O educador brasileiro Silva (2000) explica que:

Além de serem interdependentes, identidade e diferença partilham uma importante característica: elas são o resultado de atos de criação linguística. Dizer que são o resultado de atos de criação significa dizer que não são ‘elementos’ da natureza, que não são essências, que não são coisas que estejam simplesmente aí, à espera de serem reveladas

17 “*Selves*” é a forma plural da palavra “*self*”, que não possui tradução na língua portuguesa. “O *self* é algo que tem um desenvolvimento; ele não está lá inicialmente, desde o nascimento, mas surge no processo de experiência e atividade social, isto é, desenvolve-se em um determinado indivíduo como resultado das suas relações àquele processo como um todo e aos outros indivíduos dentro daquele processo” (MEAD, 1967, p. 93).

ou descobertas, respeitadas ou toleradas. **A identidade e a diferença têm que ser ativamente produzidas.** Elas não são criaturas do mundo natural ou de um mundo transcendental, mas do mundo cultural e social. **Somos nós que as fabricamos, no contexto de relações culturais e sociais. A identidade e a diferença são criações sociais e culturais.** (SILVA, 2000, p. 75, grifos da autora).

Partindo do princípio que tanto a identidade (afirmar-se, por exemplo, enquanto mulher, brasileira, casada) quanto a diferença (afirmar-se, seguindo o mesmo exemplo, enquanto, digamos, não-homem, não-chinesa, não-solteira) têm que ser produzidas ativamente, através da cultura e das relações sociais, mediadas pela linguagem, podemos entender também que tal processo adquire um caráter de *performatividade*. O conceito, tal como utilizado pela filósofa estadunidense Butler (1999),

Desloca a ênfase na identidade como descrição, como aquilo que é - uma ênfase que é, de certa forma, mantida pelo conceito de representação - para a ideia de 'tornar-se', para uma concepção da identidade como movimento e transformação. (SILVA, 2000, p. 91)

Visão esta, aliás, que já estava presente na noção de *personhood* dos povos de Tswana – que vivem entre Botswana e África do Sul –, desde aproximadamente o final do século XVIII, conforme apontam os professores de estudos africanos Comaroff e Comaroff (2012, p. 22, tradução livre): “essa concepção performativa de personalidade (...) traz a noção de que os seres humanos vivem em um estado constante de tornar-se, um processo que termina somente com a morte¹⁸”. E justamente esse *tornar-se*, performativo, parece ainda mais perceptível quando nos referimos aos perfis de sujeitos em sites de redes sociais, aspecto do qual trataremos agora.

Performances de si em sites de redes sociais e o ideal de “coerência expressiva”

As autoras estadunidenses boyd¹⁹ e Ellison se tornaram referência nos estudos sobre sites de redes sociais desde que publicaram, em 2007, artigo no qual apresentam uma definição para tais plataformas e traçam seu histórico²⁰. Desde então a relevância e uso desses sites somente aumentou e, em 2013, as autoras publicaram outro texto, no qual buscam atualizar a definição para esses sites:

18 No original: “*This performative conception of personhood, by extension, has it that human beings live in a constant state of becoming, a process that ends only at death*”.

19 A autora grifa propositalmente seu nome com letras minúsculas.

20 Segundo as autoras (2007) o primeiro site de rede social teria sido o Six Degrees, lançado em 1997, calcado na teoria de que qualquer pessoa do mundo pode se conectar à outra por no máximo seis graus de separação.

Um site de rede social é uma **plataforma de comunicação em rede** na qual os participantes: 1) possuem **perfis identificáveis unicamente** que consistem de conteúdo gerado pelo próprio usuário, por outros usuários e por dados do sistema; 2) podem **articular publicamente conexões** que podem ser vistas e atravessadas por outros; e 3) podem consumir, produzir e/ou interagir com **fluxos de conteúdo gerado pelos usuários**, fornecido por suas conexões no site²¹ (ELLISON; BOYD, 2013, p. 158, grifos das autoras, tradução livre).

A definição nos chama a atenção para três elementos principalmente: os perfis, as redes de contatos de cada usuário e o fluxo de conteúdo que circula em rede e que é produzido tanto pelos usuários quanto pelos próprios *softwares* dos sites.

Em ambientes como Facebook, Instagram, Twitter, dentre tantos outros sites de redes sociais, temos, assim, a possibilidade de constantemente atualizarmos nossos *selves* nós mesmos, seja através da publicação de imagens ou textos (postar uma nova foto de perfil, por exemplo), ou *sermos atualizados* num certo sentido pelas pessoas que compõem nossa rede (como através do recebimento de uma marcação – *tag* – em uma postagem de um amigo ou mesmo uma conversa através de comentários).

Nesse sentido, os pesquisadores brasileiros Soares e Mangabeira (2012) vão afirmar que:

Com a profusão de perfis em redes sociais na internet, a questão da *performance* tem sido trazida à tona como aparato teórico para tentar compreender os discursos engendrados nos contextos dos meios de comunicação. Criar um perfil numa rede social, eleger o que dizer, escolher o que dispor como ‘texto de apresentação’, que fotografia usar no ‘avatar’são algumas das operações que se realiza quando se adentra à formatação de um ambiente de compartilhamento de conteúdos nas redes sociais. Estas operações parecem sintomáticas de serem compreendidas como enquadramentos/recortes de alguém num cenário de interação mediada. Postar textos, imagens, vídeos etc., configura-se no ‘atuar’ neste ambiente: dessa forma, pode-se perceber ‘avatars’ que são mais românticos, incisivos, polêmicos, irônicos, ingênuos, entre tantas outras formas de classificação. (SOARES; MANGABEIRA, 2012, p. 275)

21 No original: “A social network site is a networked communication platform in which participants 1) have uniquely identifiable profiles that consist of user-supplied content, content provided by other users, and/or system-level data; 2) can publicly articulate connections that can be viewed and traversed by others; and 3) can consume, produce, and/or interact with streams of user-generated content provided by their connections on the site”.

Lembra-se, contudo, que tais *performances*²² não se dão de modo tão livre quanto se aventou num momento inicial dos estudos da cibercultura²³, seja porque não somos somente nós, agentes humanos, que estamos atuando na construção de nossos perfis *online*, mas também as próprias máquinas – através do funcionamento dos algoritmos dos *softwares*, como já atentavam Ellison e Boyd (2013) –, seja porque, de modo geral, somos cobrados uma certa “coerência” nas nossas narrativas autobiográficas.

A ideia de que buscamos criar, em geral, narrativas de nós mesmos de forma coerente ao longo de nossas vidas aparece, como já vimos, no pensamento de autores como Giddens (2002) e Hall (2006) (ainda que com certas diferenças), mas também em outro autor que viveu antes deles: o sociólogo e antropólogo canadense Erving Goffman (1959).

Goffman (1959), em seu livro *The Presentation of Self in Everyday Life*²⁴, traz uma série de contribuições para se entender como os sujeitos se apresentam uns aos outros na vida cotidiana, desempenhando múltiplos papéis sociais. Um aspecto central de sua obra é o entendimento de que estamos a todo o momento fazendo *performances*, buscando convencer nossa audiência, nosso público (o autor utiliza metáforas dramatúrgicas para desenvolver seu pensamento) sobre a atuação que estamos realizando. Nesse sentido, para tentar convencer o outro que minha *performance* é crível, em geral, é necessário que se busque manter uma “coerência expressiva” ao representar tal papel. Diz o autor:

22 Conforme defendem Amaral et al: “Trazer à tona a ideia de *performance* significa enfrentar os problemas da visibilidade em uma época na qual, diante dos constantes acionamentos do corpo, via fotografias, *selfies*, aparições em sites de redes sociais, a metáfora da teatralidade se faz presente. Estamos em um mundo profundamente autoconsciente, reflexivo (GIDDENS, 2002), obcecado por simulações e teatralizações em todos os âmbitos sociais. A teatralidade passa, portanto, a ser uma espécie de maneira de encarar as ações, tendo se espreado do campo das Artes para as Ciências Sociais, agindo sobre as maneiras com que entendemos as ações humanas. Pensar sobre *performances* significa, necessariamente, abrir-se para o ato, a ação, o cênico. Aquilo que se faz, como se faz, em que contexto. Parte do que chamamos de autoconsciência das ações significa reconhecer que tais ações são feitas ‘para alguém’, para um outro visível ou invisível, uma ‘audiência imaginada’ ou ‘público intencionado’, como propõe Boyd (2011) ao pensar as *performances* em sites de redes sociais” (AMARAL et al., 2018, p. 64).

23 Na década de 1990 e início dos anos 2000 muitos estudos enfatizavam o aspecto do role-playing, do fazer de conta, de fingir ser quem não se é nas interações mediadas pela internet. Ainda que tal possibilidade certamente exista e ocorra até hoje, ela era mais marcante dos primórdios da web, cujos espaços de conversação eram fortemente marcados pelo anonimato (ZHAO *et al.*, 2008). Atualmente há uma forte expectativa de que as pessoas representem uma identidade “estabelecida” ao invés de “experimental”, gerando distinções mais contundentes entre identidades “reais” ou autênticas e as *fake* ou fraudulentas (HAIMSON; HOFFMAN, 2016, p. 2).

24 O livro foi traduzido em português como *A representação do eu na vida cotidiana*, o que trouxe certas confusões quanto às diferenças, ainda que sutis, entre o verbo ‘representar’ e ‘apresentar’ e os substantivos ‘self’ e ‘eu’, como explicado em outro trabalho (POLIVANOV, 2014).

Nós esperamos, claro, alguma coerência entre o cenário, aparência e modo de comportamento. Num certo sentido, tal coerência representa um tipo ideal que nos fornece um modo de estimular nosso interesse e atenção às exceções²⁵ (GOFFMAN, 1959, p. 16, tradução livre).

Ou seja, espera-se que haja uma “consistência confirmada”, como Goffman (1959, p. 15) vai colocar em outro momento, entre a *aparência* do ator social, o *cenário* onde está performando e seu *comportamento*. Fica claro, contudo, na própria obra, que *tal coerência* deve ser entendida enquanto algo nunca plenamente atingível na prática, que serve mais como um constructo social. Conforme colocam as pesquisadoras Pereira de Sá e Polivanov (2012):

Trata-se de um processo, intensamente complexo, precário, inacabado, de ajuste da ‘imagem’ própria aos significados que se quer expressar para o outro (...) Processo que se dá em tensão, sujeito a ruídos, uma vez que sempre atravessado pela relação com os outros atores da rede sócio-técnica na qual o usuário se insere. O que nos permite sugerir, talvez, uma ilusão da coerência expressiva, à maneira como Bourdieu fala da ilusão biográfica, a fim de desconstruir qualquer suposição de estabilidade, controle ou de concretude do sujeito como resultado do processo (PEREIRA DE SÁ; POLIVANOV, 2012, p. 581, grifo das autoras).

Não obstante, argumento que, por mais que a “coerência expressiva” seja apenas uma ilusão, sempre sujeita a fissuras e rompimentos²⁶, ela é efetivamente cobrada de nós cotidianamente na contemporaneidade. Ao mesmo tempo em que entendemos as identidades como fluidas e dinâmicas atualmente, buscamos uma certa unidade nas nossas narrativas.

Nos sites de redes sociais há uma alta cobrança para *sermos nós mesmos*, para mostrarmos nossos *selves reais, autênticos*, em particular no Facebook, que pode ser entendido até como o “livro da verdade” para utilizar uma expressão do antropólogo britânico Miller (2011). Mas que verdade seria essa? Se performatizamos de modos diferentes para diferentes plateias (como pessoas da família e do trabalho), conforme já nos havia convencido Goffman (1959)²⁷, como lidar com o fato de que

25 No original: “(...) *we expect, of course, some coherence among setting, appearance, and manner. In a sense, such coherence represents an ideal type that provides us with a means of stimulating our interest in and attention to exceptions*”.

26 Tenho me debruçado nos últimos anos sobre a noção de *ruptura de performance*. Ou seja, tem me interessado observar justamente quando a *performance* que desejamos realizar online não dá certo. Ver, por exemplo, Polivanov e Carrera (2019).

27 O pensamento de Goffman é muito utilizado para se refletir sobre as interações sociais nos SRSs, contudo, atento, junto à colega Fernanda Carrera, que o autor sequer chegou a conhecer tais plataformas e que se deve pensar os limites de seu estudo para o contexto online, sendo necessária a aproximação com outros aportes teóricos mais recentes (POLIVANOV; CARRERA, 2019).

em sites como o Facebook nos apresentamos para audiências tão distintas em um mesmo lugar virtual, configurando o que Marwick e Boyd (2011) denominaram de “colapso de contextos”²⁸? E mais: que valor de autenticidade subjaz as políticas de funcionamento de sites como o Facebook?

Haimson e Hoffmann, pesquisadores da Universidade da Califórnia, vão discutir precisamente essa última questão, analisando como o Facebook lida com usuários do site que seguem identidades tidas como “não normativas” (como pessoas transexuais, indígenas e vítimas de abuso sexual que alteram seus nomes por questões de segurança). Os autores argumentam, a partir de análise de material da política de funcionamento do próprio site, bem como de alguns casos ocorridos de fato, que o Facebook acaba impondo uma *noção administrativa de autenticidade* a partir da obrigatoriedade de os membros usarem seu *nomes reais* – verificado a partir de documento oficial de registro de identidade –, forçando que algumas pessoas tenham que modificar seu *self autêntico* para se adequar às demandas e restrições do site (HAIMSON; HOFFMANN, 2016).

A política de funcionamento do site calca-se num discurso que defende, em tese, a segurança dos seus usuários, buscando diminuir o número de perfis falsos (*fake*) e seguir uma lógica da transparência de dados. Contudo, seguindo esse discurso acaba impedindo em muitos casos, por exemplo, que pessoas trans utilizem seus nomes sociais no site, uma vez que não condizem com seus nomes de batismo que constam em seus documentos oficiais pedidos pelo Facebook. Segundo afirmam os autores:

Esses tipos de distinções servem para reforçar uma noção de ‘nomes reais’ ou identidades autênticas como algo dado ou fatorial, como uma informação inserida numa base de dados, e não como algo que é construído ou performado em contexto²⁹ (HAIMSON; HOFFMANN, 2016, p. 6, tradução livre).

28 Pode-se dizer que o *colapso de contextos* (*context collapse*) diz respeito ao fato de que num mesmo ambiente *online*, como o Facebook ou Twitter, os sujeitos têm de lidar com pessoas advindas de múltiplos contextos sociais que, antes dos SRSs, não costumavam compor ao mesmo tempo sua audiência, como pessoas da família, do trabalho, amigos de faculdade etc. Estendendo ainda o argumento das autoras, pode-se afirmar que esse contexto é colapsado tanto sincrônica quanto diacronicamente, ou seja, envolve tanto o fato de se ter que lidar com pessoas que fazem parte de nossos distintos círculos sociais no momento presente, quanto com o acúmulo de pessoas que fizeram parte de nossas vidas no passado (como amigos da infância, da adolescência, ex-colegas de trabalho) e com as quais, talvez, não fosse por sites como Facebook e o extinto Orkut, não teríamos mais contato. Não cabe aqui julgar se isso seria algo positivo ou negativo trazido por essas ferramentas, mas atentar que tal dinâmica oferece mais complexidades nos processos de performatização de si, conforme discuti em trabalho passado (POLIVANOV, 2014).

29 No original: “*These sorts of distinctions serve to reinforce a notion of “real names” or authentic identities as something given or factual, like an entry in a database, rather than something that is constructed or performed in context*”.

Fica, assim, um complexo jogo entre o desejo pela *autoperformance* mais livre e fluida da modernidade tardia e as restrições impostas pelas empresas que gerem os sites de redes sociais, que tanto cativam nossos interesses e busca por visibilidade e sociabilidade. Entre as *identidades performatizadas* e a *performance* do próprio site que acaba escolhendo quem pode dele fazer parte e de que modos.

Considerações finais

Buscou-se propor aqui uma discussão sobre como se construiu uma noção de que as identidades na contemporaneidade são marcadas pela dimensão da *performance*, da autorreflexividade, da fluidez e do dinamismo, ao mesmo tempo em que somos cobrados um problemático ideal de “coerência expressiva” nas nossas narrativas de vida, aspecto que se torna ainda mais complexo nos sites de redes sociais. Tal complexidade se daria, ao menos, por duas vias: 1) ter de lidar não apenas com múltiplas plataformas para autoapresentação, mas também com diversos círculos sociais num mesmo ambiente (como o Facebook) e 2) tornar-se, construir-se e reconstruir-se como alguém *online* junto à mediação de agentes que não são humanos.

Nesses ambientes, nossas *performances* cotidianas não apenas se dão entre atores, equipes e plateias, para evocar termos usados por Goffman (1959) –, mas também envolvem agentes outros, que vão desde políticas de funcionamento de empresas, a algoritmos que selecionam quais conteúdos iremos ver e perfis criados por *softwares* que simulam ações humanas de modo que não sabemos nem distinguir em alguns momentos se conversamos com outra pessoa ou um *bot*³⁰. Para além de visões simplistas que vão julgar tal fenômeno como positivo ou negativo, cabe-nos refletir sobre como lidar com subjetividades maquínico-humanas daqui para frente.

30 Diminutivo de internet / web *robot* (robô).

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMARAL, Adriana; SOARES, Thiago; POLIVANOV, Beatriz. Disputas sobre *performance* nos estudos de Comunicação: desafios teóricos, derivas metodológicas. *Revista RBCC (Intercom)*, vol. 41, n. 1, 2018.
- BOYD, Danah; ELLISON, Nicole. Social network sites: Definition, history, and scholarship. Indiana: *Journal of Computer-Mediated Communication*, v. 13, n. 1, online, out. 2007. Disponível em: <http://jcmc.indiana.edu/vol13/issue1/boyd.ellison.html>.
- BUTLER, Judith. *Gender Trouble – Feminism and the Subversion of Identity*. New York; London: Routledge, 1999.
- COMAROFF, Jean; COMAROFF, John. *Theory from the South – or, How Euro-America Is Evolving Toward Africa*. Colorado: Paradigm Publishers, 2012.
- ELLISON, Nicole; BOYD, Danah. Sociality through social network sites. In: DUTTON, William (org.). *The Oxford Handbook of Internet Studies*. Oxford: Oxford University Press, 2013.
- GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- GILSTER, Paul. *Digital Literacy*. Nova Iorque: John Wiley, 1997.
- GOFFMAN, Erving. *The Presentation of Self in Everyday Life*. University of Edinburgh, Social Sciences Research Centre, 1956.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.
- HAIMSON, Olivier; HOFFMANN, Anna. Constructing and enforcing “authentic” identity online: Facebook, real names, and non-normative identities. *First Monday*, vol. 21, n. 6, junho de 2016.
- LANGOS, Colette. Cyberbullying: The Challenge to Define. *Cyberpsychology, Behavior, And Social Networking*, vol. 16, n. 6, 2012. DOI: 10.1089/cyber.2011.0588.
- LYOTARD, Jean-François. *O Pós-Moderno*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.
- MARWICK, Alice; BOYD, anah. I tweet honestly, I tweet passionately: Twitter users, context collapse, and the imagined audience. *New Media & Society*, vol. 13, n. 1, 2011.
- MEAD, George. *Mind, self and society*. Chicago: University of Chicago Press, 1967.
- MILLER, Daniel. *Tales from Facebook*. Cambridge / Malden: Polity Press, 2011.
- PEREIRA DE SÁ, Simone; POLIVANOV, Beatriz. Autorreflexividade, coerência expressiva e *performance* como categorias para análise dos sites de redes sociais. Salvador: *Contemporânea - Revista de Comunicação e Cultura*, v. 10, n. 3, pp. 574-596, 2012.
- POLIVANOV, Beatriz. *Dinâmicas Identitárias em Sites de Redes Sociais: Estudo com Participantes de Cenas de Música Eletrônica no Facebook*. Rio de Janeiro: Luminária, 2014.

- POLIVANOV, Beatriz; CARRERA, Fernanda. Rupturas performáticas em sites de redes sociais: um olhar sobre fissuras no processo de apresentação de si a partir de e para além de Goffman. Porto Alegre: *Revista InTexto*, v. 44, pp. 74-98, 2019.
- RIESMAN, David. *A multidão solitária*. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1995.
- RESENDE, Fernando; THIES, Sebastian. Temporalidades enredadas no Sul Global. Editorial da *Revista Contracampo*, vol. 36, nº 3, 2017. DOI: <https://doi.org/10.22409/contracampo.v36i3.1095>.
- ROXO, Marco; MELO, Seane. Hiperjornalismo: uma visada sobre *fake news* a partir da autoridade jornalística. *Revista Famecos – Mídia, Cultura e Tecnologia*, Porto Alegre, v. 25, nº 3, set-dez 2018. DOI: ID30572.
- SILVA, Tomaz. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz (org.). *Identidade e diferença – a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SIMMEL, Georg. A metrópole a e vida mental. In: VELHO, Otávio (org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.
- SLATER, Don. *Cultura do consumo e modernidade*. São Paulo: Nobel, 2002.
- SINGER, Ben. Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular. In: CHARNEY, Leo & SCHWARZ, Vanessa. (org.). *O cinema e a invenção da vida moderna*. Editora Cosac Naify, 1ª edição, 2010.
- SOARES, Thiago; MANGABEIRA, Alan. Alice através...: televisão, redes sociais e *performances* num produto televisivo expandido. Salvador: *Revista Contemporânea - Comunicação e Cultura*, v.10, n. 2, mai- ago 2012.
- VELHO, Gilberto. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas* (3a ed.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- WOODWARD, Kathryn (org.). *Identity and Difference*. Sage Publications; The Open University, 1997.
- ZHAO, Shanyang; GRASMUCK, Sherri; MARTIN, Jason. Identity construction on Facebook: Digital empowerment in anchored relationships. *Computers in Human Behavior*, v. 24, n. 5, pp. 1816-1836, set. 2008.